

14

ABRIL 1997

14

ABRIL 1997

DISCURSOS

ESTUDOS DE
LÍNGUA E
CULTURA
PORTUGUESA

O teatro em
Portugal nos anos 90

Amais recente
dramaturgia portuguesa

O teatro e a
sua tradução

O teatro de Baltasar Dias

O drama histórico
contemporâneo de Garrett

O teatro e o
ensino do Português

Inéditos

TEATRALIDADE
E DISCURSO
DRAMÁTICO

Publicação patrocinada pelo
Instituto Português do Livro e das Bibliotecas

MIC

MINISTÉRIO DA CULTURA



INSTITUTO PORTUGUÊS DO
LIVRO E DAS BIBLIOTECAS

DISCURSOS



Universidade
aberta

DISCURSOS

ESTUDOS DE LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESA

TEATRALIDADE E DISCURSO DRAMÁTICO



NÚMERO 14

ABRIL 1997

DIRECTOR

CARLOS REIS

CONSELHO DE REDACÇÃO

ANA CRISTINA MACÁRIO LOPES □ ANA NASCIMENTO PIEDADE □ ANA RITA NAVARRO □
 CRISTINA MELLO □ DIONÍSIO VILA MAIOR □ GLÓRIA BASTOS □ GRAÇA NUNES □
 ISABEL MARNOTO □ JÚLIO TABORDA □ MARIA DO ROSÁRIO CUNHA □ PAULO NUNES
 DA SILVA □ PIRES LARANJEIRA □ VIVINA DE CAMPOS FIGUEIREDO □

CONSELHO EDITORIAL

ÁNGEL MARCOS DE DIOS □ ANÍBAL PINTO DE CASTRO □ ANXO TARRÍO □ ELLEN
 SAPEGA □ FERNANDO VENÂNCIO □ FRANÇOIS MARCHESOU □ IVO CASTRO □ JOÃO CAMILO
 DOS SANTOS □ JOSÉ VÍCTOR ADRAGÃO □ LUIZ FAGUNDES DUARTE □ MARIA APARECIDA
 SANTILLI □ MARIA BEATRIZ ROCHA-TRINDADE □ MARIA EMÍLIA RICARDO MARQUES □
 MARIA JOSÉ FERRO TAVARES □ MARIA LEONOR MACHADO DE SOUSA □ MARIA DE
 LOURDES BELCHIOR □ MARIA LUIZA REMÉDIOS □ ÓSCAR LOPES □ TELMO VERDELHO □

DESIGN GRÁFICO





FRANCISCO TELLECHEA

SECRETARIADO

GRAÇA NUNES



A revista *Discursos* publicará estudos incidindo sobre os seguintes domínios:

-  Temas de reflexão linguística, tanto numa perspectiva sincrónica como sob um ponto de vista diacrónico;
-  Temas de reflexão sociocultural, equacionados em função da evolução e expansão da Língua Portuguesa no mundo;
-  Questões de natureza didáctica, orientadas para o ensino da Língua Portuguesa, em Portugal e no estrangeiro;
-  Temas de reflexão literária, relacionados com a difusão da Literatura Portuguesa e com o seu ensino, sobretudo quando articulado com o da Língua e da Cultura Portuguesa.

APRESENTAÇÃO

9

DISCURSOS: TEATRALIDADE E DISCURSO DRAMÁTICO

- 13 O TEATRO EM PORTUGAL NOS ANOS 90
CARLOS PORTO
- 25 A MAIS RECENTE DRAMATURGIA PORTUGUESA: CONTEXTO E REALIZAÇÕES
MARIA HELENA SERÓDIO
- 39 A VERNACULIDADE NA TRADUÇÃO DO TEATRO OU... «VERTEM DRAMAS CAVALLHEIROS»
CARLOS CASTILHO PAIS
- 53 BALTASAR DIAS EM FILIGRANA DIALÓGICA
DIONÍSIO VILA MAIOR
- 85 O DRAMA HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO DE ALMEIDA GARRETT: TEORIAS DRAMÁTICAS
ANA ISABEL VASCONCELOS

INÉDITOS

- 107 *HISTÓRIA FILOSÓFICA DO TEATRO PORTUGUÊS*, DE ALMEIDA GARRETT
JOSÉ OLIVEIRA BARATA
- 143 *OS DESERDADOS DA PÁTRIA*
NORBERTO ÁVILA

DOCUMENTO DE TRABALHO

- 177 O TEXTO DRAMÁTICO NA DISCIPLINA DE PORTUGUÊS
ANA ISABEL VASCONCELOS
GLÓRIA BASTOS

DOSSIER A.I.L.

203

LEITURAS

215

EM TEMPO

229

Direcção, secretariado e assinaturas
Universidade Aberta - Delegação de Coimbra
R. Alexandre Herculano, n.º 52
3000 COIMBRA (Portugal)
Telefone (039) 33300
Telefax (039) 29547

A Direcção e Redacção aceitam, para eventual publicação, os originais que lhes forem remetidos, preferentemente de acordo com a política editorial da revista. Serão também objecto de apreciação livros para resenha e notícia. Aceita-se permuta.

Preços - 1996/97
Números avulso: 1.500\$00
Assinatura anual (2 números)
Portugal: 2.500\$00
Estrangeiro: Europa: \$32 dólares
Outros continentes: \$42 dólares
Cheques em nome de *Discursos*/ Universidade Aberta
Edição e propriedade
Universidade Aberta
Arranjo gráfico: Delegação Centro da Universidade Aberta
Impressão: Gráfica de Coimbra, Lda.
Depósito Legal n.º 55225/92
ISSN: 0872-0738

estabelecer uma rígida taxinomia da *deixis* e argumenta de modo fundamentado contra a tradicional ideia segundo a qual um deíctico possui um aspecto invariável (no caso do pronome pessoal *eu*, por exemplo, esse aspecto seria o significado de "pessoa que fala") e um aspecto variável (no mesmo exemplo, o sentido de "a Teresa", "o João", "a Rita", etc., ou seja, todos os que usarem o pronome pessoal *eu*). Segundo o autor, os deícticos caracterizam-se antes pelo facto de, potencialmente, poderem desempenhar determinadas funções, e a actualização destas funções estar dependente da situação e do contexto em que os deícticos são utilizados. A interacção entre os deícticos e o género textual é, portanto, semelhante à que se verifica entre o interpretante e a própria *deixis* para que aquele possa construir situações/contextos relevantes e significativos que lhe permitam compreender o sentido global dos deícticos.

O ensaio de Peter Jones («Philosophical and Theoretical Issues in the Study of Deixis: A Critique of the Standard Account») constitui, como o próprio título indicia, uma crítica à tradicional concepção egocêntrica da *deixis* (exposta, por exemplo, nos trabalhos de Bühler, Lyons, Levinson e Brown & Yule). Os dois princípios básicos desta concepção são os seguintes: 1) a *deixis* tem como função articular o dito com o *hic et nunc*; 2) o ponto zero da enunciação (o *aqui e agora*) é egocêntrico.

Situando-se no quadro teórico do Marxismo, o autor dá particular ênfase ao aspecto social da *deixis* (os seus argumentos desenvolvem-se a partir da seguinte premissa: a existência de um *eu*, mais do que pressupor, implica a existência de um *tu*, o mesmo acontecendo com o *aqui* e o *agora*; por outras palavras, os que defendem o egocentrismo como uma característica essencial da *deixis* tendem a esquecer-se de que a comunicação é um fenómeno eminentemente social) e conclui, após um interessante exercício argumentativo, que esta é fundamentalmente sociocêntrica.

Paulo Nunes da Silva

- LARANJEIRA, J. L. PIRES— *A Negritude Africana de Língua Portuguesa*, Porto, Edições Afrontamento, 1995, 533 pp.

O que é e em que termos se manifestou o *discurso* da Negritude Literária Africana de Língua Portuguesa? De maneira explícita, e com o rigor metodológico que um trabalho como este implica – tese de Doutoramento apresentada em 1994 à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra –, Pires Laranjeira vai progressivamente respondendo a esta interrogação (que se adivinha desde o início do seu texto), debruçando-se sobre questões relacionadas com o «*discurso (poético) do negro*» (p. 17), «prática significativa contra a literatura colonial» (p. 216) que tinha como objectivo nuclear «fazer passar uma mensagem de luta anti-colonial e de crença na mudança de regime político» (p. 234).

Assim, na I parte, intitulada «História e Teoria da Negritude», o autor analisa, nos capítulos 1 e 2, os antecedentes e os fundamentos culturais e ideológicos que se

«relações predicáticas», dos deícticos, do posicionamento do predicador em relação ao conteúdo que enuncia, da categoria 'tempo', do estilo, do nome próprio, etc. No capítulo 7, estuda a «Modelização do Negro» – a representação física e psicológica e social do negro colonizado, nos textos negritudinistas. A categoria 'espaço' nesses textos é também revista – presente em dualidades como campo / cidade, micro-espacialidade / macro-espacialidade, «regionalismo» / «globalismo».

Finalmente, o autor recorre, localizadamente, a quatro «códigos»: o histórico, o etno-antropológico, o mítico-simbólico e o ideológico; neles se sustenta para fundamentar e justificar a «*Weltanschauung* do negro», representada nos textos literários negritudinistas de Língua Portuguesa; a presença de um passado pós-colonial e pré-colonial, de elementos que representam o «meio ambiente, social e cultural» do negro colonizado, do símbolo, de lexemas significativos do ponto de vista ideológico (como Pátria, País, Povo Negro, desejo, esperança, certeza, Raça, negro, branco, mestiço, etc.).

Por tudo isto, Pires Laranjeira revela-se, mais uma vez, um crítico que, na sua já íntima, fecunda e dilatada descoberta das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa, se revela atento a uma problemática que, no fundo, diz respeito a todo aquele que directa ou indirectamente se identifica com a História e a Língua Portuguesas. Está nessa identificação, mas não só, a razão primordial que obriga a leitura de *A Negritude Africana de Língua Portuguesa*, desde já obra de referência no domínio dos Estudos Africanos, e, mais particularmente, na bibliografia sobre a Negritude.

Dionísio Vila Maior

- **PAIS, CARLOS CASTILHO** (org.) – *Teoria Diacrónica da Tradução Portuguesa. Antologia (Séc. XV-XX)*, Lisboa, Universidade Aberta, 1997, 277 pp.

Saiu em Maio de 1997, em edição da Universidade Aberta, uma antologia de textos relacionados com a Tradução, organizada por Carlos Castilho Pais – que assina também uma alargada Introdução à antologia propriamente dita – e prefaciada por Nuno Júdice. Aqui encontram-se representados seis séculos (séc. XV-XX) em textos de vários tipos e proveniência – maioritariamente prefácios e introduções a obras traduzidas, escritos por tradutores, editores e até mesmo, num ou outro caso, pelo autor da obra traduzida, mas também textos de crítica, réplicas a prefácios, comentários a traduções e mesmo alguns belos textos literários nos quais a teoria «transborda o quadro estrito da tradução e se faz *matéria* do poema», como escreve o antologador (p. 19).

Num momento em que a Tradutologia começa a conquistar um lugar próprio e de direito – e há muito devido – no cenário dos estudos superiores portugueses, uma obra como esta, que reúne textos que se encontravam dispersos e de acesso nem sempre fácil, pode considerar-se, sem quaisquer hesitações, um instrumento de trabalho de